



JOÃO LAMPREIA

head of Research
do BiG

Eleições presidenciais no Brasil – qual o efeito de Bolsonaro no médio-prazo?

No último domingo, o polémico ex-militar Jair Bolsonaro (descendente de famílias imigrantes italianas e alemãs) foi eleito, sem surpresa, o novo Presidente do Brasil. Num sufrágio eleitoral marcado por uma polarização sem precedentes da sociedade brasileira, em que basicamente as ideias de ação governativa estiveram ausentes da campanha política, esta assentou essencialmente numa guerra cultural – de um lado o descredibilizado PT, que praticamente adotou o slogan nacional “#ele Não!#”, e do outro lado Bolsonaro, que nunca participou em qualquer debate político, tendo assente a sua candidatura em tweets populistas “à la Trump” – assumindo a sua postura de guerra matricial assente numa expressão de “Nós contra Eles!”. No rescaldo das eleições, importa tentar perceber quais as perspetivas que se colocam doravante ao Brasil e que efeito potencial terá nas diferentes classes de ativos.

Em antecipação, Bolsonaro tenderá a ser um Presidente mais pró-mercado do que Haddad seria, tendo em conta algumas ideias do espetro político de direita provenientes da sua visão ultraconservadora e com tiques de extrema-direita falaciosa (mais do que neoliberal), nomeadamente o ímpeto reformista em torno da necessária diminuição do aparelho estatal e a flexibilização da economia que é premente no Brasil. Desta forma, a generalidade dos ativos financeiros no Brasil têm recuperado vigorosamente com este esperado desenlace, com destaque para o

real brasileiro, que avançou quase 15% face ao dólar norte-americano desde os mínimos de setembro. Poderá a lua-de-mel dos ativos financeiros no Brasil perdurar no tempo com Bolsonaro, ainda para mais com tantas dúvidas face a certezas sobre o que poderão ser as denominadas políticas tidas como “Bolsonomics”? Pensamos que, numa lógica de curto prazo, a valorização dos ativos brasileiros já foi bastante expressiva, tendo ocorrido no pós-eleições alguma correção de preços, sob o princípio sobejamente conhecido de “buy the rumour, sell the fact”. Já no longo prazo, o efeito potencial de Bolsonaro permanece uma incógnita e tudo dependerá da capacidade de agregação do novo Presidente e da implementação de políticas reformistas tão necessárias no país. O Congresso será o palco das próximas batalhas políticas, esperando-se tanto quanto possível “uma maior acalmia nas ruas” face à guerra cultural explícita que devassou o país e que chocou a comunidade internacional. O Presidente disporá de uma grande maioria conservadora entre os deputados, mas no Senado terá mais dificuldades. Se a maioria poderá estar disponível para aprovar alguns temas polémicos, as questões mais fraturantes poderão enfrentar obstáculos intransponíveis – nomeadamente as reformas económicas anunciadas pelo conceituado futuro ministro das Finanças Paulo Guedes que tem por base um percurso académico e profissional assente na escola neoliberal de Chicago. A reforma do sistema de pensões é um assunto

primordial (idade da reforma é aos 56 no Brasil). Se não houver reformas na primeira metade de 2019, dificilmente as conseguirá fazer.

Ainda assim, com uma inflação relativamente controlada, uma dívida privada e externa que é das mais baixas da América Latina, o Brasil – se razoavelmente gerido – e face à sua riqueza de recursos, poderá auspiciar um futuro melhor. Já os riscos de uma quebra de democracia parecem-nos manifestamente exagerados (golpe de Estado que cancele eleições, feche o Congresso ou suspenda direitos), tendo em conta tanto a experiência internacional como a história democrática brasileira. Não existindo uma lógica de “checks & balances” como nos EUA, as instituições políticas brasileiras estão evidentemente mais expostas a uma gradual erosão democrática. Tal como a corrupção no Brasil não se cinge ao PT, este apenas acentuou a face política negativa que sempre corroeu o sistema brasileiro – não acreditamos que a eleição de Bolsonaro se traduza num cenário apocalíptico que alguns analistas e/ou adversários políticos parecem fazer crer. Pelo contrário, Bolsonaro é apenas a última face (ainda que amplamente radical) da emergência de fenómenos nacionalistas que hoje varrem o mundo sem exceção, veja-se o fenómeno de Trump nos EUA, “Brexit” e a ascensão democrática de partidos de extrema-direita nos mais diferentes Parlamntos Europeus, sintomas de uma crescente iniquidade, erosão de competitividade de alguns países à luz do comércio internacional (daí a

origem das tensões comerciais vigentes) e a própria deterioração do discurso político que é exponenciado pelo efeito prejudicial (também o tem!) da era digital e das redes sociais, que dão primazia a notícias sensacionalistas sobre as importantes, isto é, a forma sobre o conteúdo. Mais do que respostas inadequadas um pouco por todo o Mundo dos diferentes líderes mundiais, estes precisam essencialmente de colocar as questões certas, nos momentos certos, procurando elevar o nível das instituições políticas que integram e instruir o eleitorado que na base representam. É a essência do Ser Político e não a forma de fazer Política!

O grande capital de Bolsonaro é a sua própria popularidade e o choque cultural que representa, sendo que, agora, sem inimigos para “metralhar” (parafraseando uma expressão sua que traduz uma analogia com os célebres bandidos da Disney!), e que responsabiliza pelo atual estado das coisas no Brasil, poderá ser o próprio Bolsonaro o maior inimigo de si próprio e, por conseguinte, das esperanças de uma sustentada revitalização da economia brasileira. Restam, assim, mais dúvidas do que certezas ainda antes de Bolsonaro tomar posse, mas, com um resultado eleitoral tão expressivo, a esperança de mudança é grande. Tal como o país e a sua riqueza potencial! Resta a Bolsonaro rodear-se de uma equipa competente e que não se boicote a si próprio! Não obstante as surpresas, Brasil sempre é assim! – tal como dizem os próprios brasileiros, deste e do outro lado do Atlântico...